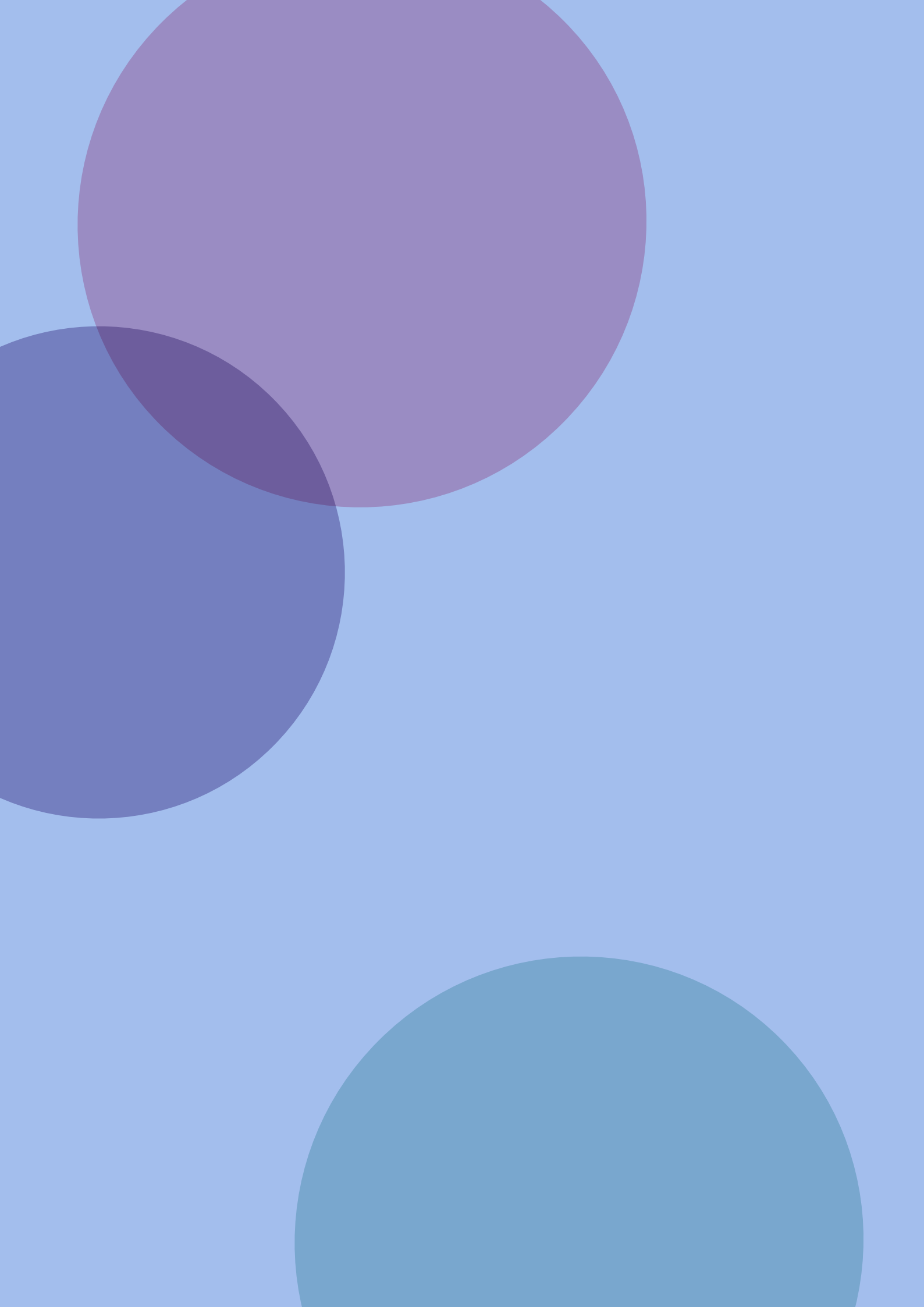


e-book

A importância da Educação Infantil como espaço significativo entre a escuta e a fala





Olá, educadores da Educação Infantil!

Estamos vivendo um momento histórico e sem precedentes no Brasil. A pandemia afeta a todos nós, aflorando inseguranças e incertezas. Nós, educadores, estamos todos os dias aprendendo como seguir em frente e entendendo novas demandas, sem deixar de lado os aspectos históricos e legais e as conquistas voltadas para o segmento da Educação Infantil. Por esse motivo, apresentamos este *e-book* para que possamos refletir sobre os aspectos que envolvem esta nossa trajetória, compreender a importância do trabalho com este segmento e o que ele previne se for trabalhado com intencionalidade e de maneira contextualizada.

Exploraremos a legislação que envolve as documentações legais voltadas para a Educação Infantil e os principais conceitos envolvidos na proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que nos orienta para a elaboração de currículos municipais e o de cada uma de nossas escolas, e finalizaremos nosso percurso com reflexões sobre as contribuições científicas propostas para também orientar planejamentos e estratégias com as habilidades preditoras.

Esperamos que esses tópicos sejam importantes para a formação continuada dos profissionais da Educação Infantil, perpassando por três pontos aqui abordados:

1. A Revolução Educacional começa na Educação Infantil – **Rogério de Melo**
2. O papel da BNCC na releitura dos fazeres e na ressignificação das práticas na Educação Infantil – **Francisca Paris**
3. A Educação Infantil baseada em evidências científicas: o papel das habilidades preditoras – **Patrícia Botelho da Silva**

Boa leitura!



SUMÁRIO

1 A Revolução Educacional começa na Educação Infantil	7
2 O papel da BNCC na releitura dos fazeres e na ressignificação das práticas na Educação Infantil	17
3 A Educação Infantil baseada em evidências científicas: o papel das habilidades preditoras.....	25

**A importância da
Educação Infantil
como espaço
significativo entre
a escuta e a fala**

1 A Revolução Educacional começa na Educação Infantil

Rogério de Melo

A intenção deste texto é trazer reflexões sobre a força da pedagogia da Educação Infantil para provocar revoluções educacionais no mundo.

Inicialmente, é importante alinhar alguns conceitos. Quando trazemos o termo “revolução”, objetivamos conceituar a intenção com a força adequada. É certo que queremos definir uma mudança radical, uma transformação – no entanto, nem sempre rápida.

Trago algumas referências de revoluções ao longo da história recente da humanidade, que não só permitem a percepção da intensidade de um processo desta natureza, mas que também denotam a característica temporal.

Vejamos, por exemplo, a Revolução Francesa, ou a Revolução Industrial, ou a Emancipação Feminina. Todos estes movimentos redirecionaram o curso da vida social humana, mas demandaram tempo para se estabelecerem, tomarem corpo e impactarem a sociedade de maneira definitiva.

A Revolução Francesa pode ter tido seus anos de luta, mas, ao se aprofundar a análise histórica, é possível compreender que houve todo um caminhar para se chegar a uma culminância, ao cisma social. Alguns especialistas também podem afirmar que muitos dos conceitos e da ideologia da Revolução Francesa continuam a influenciar a nossa política e a ciência.

A Revolução Industrial segue a mesma lógica. Falamos, inclusive, em várias dessas revoluções: a 1ª, no século XVIII, restrita à Inglaterra, baseada na mudança do sistema produtivo com o advento das primeiras máquinas; a 2ª, um século depois, ultrapassando as fronteiras inglesas, expandindo-se para outros países europeus e para os Estados Unidos, com a chegada da energia a vapor, da eletricidade e do petróleo; a 3ª, estabelecida no século XX e também conhecida como Revolução Técnico-científica, provocada pela aceleração dos avanços em telecomunicação, informática, eletrônica e medicina. E muitos dizem que já estamos numa 4ª Revolução Industrial, fruto de tecnologias ainda mais avançadas, com supercomputadores, automação, inteligência artificial, nanorrobótica, internet das coisas e redes sociais.

Revoluções geram fortes mudanças sociais, mas são processuais, levam tempo para se formar e impactam a sociedade ao longo do tempo.

Todos esses processos com uma curva de maturação longa, que demandam tempo para tomarem corpo e, muitas vezes, reverberam por décadas ou séculos, impactam a vida social humana.

Ficou claro? Pois bem, vamos adiante.

E como ocorrem “revoluções educacionais”? Reconhecemos nelas os mesmos aspectos das demais revoluções citadas?

Um papo com António Nóvoa

Certa vez, tive a oportunidade de trocar uma ideia com o ex-reitor da Universidade de Lisboa, que chegou a ser candidato à presidência da república em Portugal, professor António Nóvoa. À época, estava à frente da secretaria executiva responsável pelo ensino de Recife.

Trouxemos o professor para fazer uma palestra para os docentes da rede municipal da capital pernambucana. Antes de sua fala, aproveitando para trocar ideias ainda nos corredores, perguntei a ele como era possível obter resultados mais rápidos na Educação; os resultados dos índices educacionais do Recife cresciam em um bom ritmo, o maior entre todas as capitais brasileiras por duas medições consecutivas, mas, em termos absolutos, ainda ficavam longe do ideal.

A resposta do professor António Nóvoa foi categórica: “Não acredito em grandes reformas na Educação, e sim em colocar os incentivos no lugar certo do processo”. Aquilo caiu como um *insight*, um esclarecimento instantâneo.

Fazia muito sentido! Observávamos que aquilo que trazia resultados consistentes para toda a rede eram medidas estruturadoras, que provocavam alguns ganhos mais imediatos no processo; todavia, e principalmente, elas garantiam condições para outros avanços no sistema.

Entretanto, confesso que naquele momento senti mais do que a ótima sensação de compreensão: também fiquei menos aflito com as cobranças incoerentes de quem não vive, não enxerga e não sente o que é a educação pública.

Ótimos exemplos revolucionários na educação vêm do Nordeste

O primeiro deles, e talvez o exemplo mais carregado de concepções renovadoras, é o do pernambucano Paulo Freire. Paulo era intencionalmente revolucionário. Seu movimento era simples, contudo deveras impactante para aquele momento social: ensinar os brasileiros a ler. Ao dominarmos uma habilidade mínima de leitura, estaríamos inaugurando a cidadania na vida social, possibilitando que as pessoas assinassem seus nomes, lessem placas e ônibus, expressassem opiniões por escrito.

Em um período de repressão democrática, Paulo precisou fugir do país, exilando-se em países vizinhos. Aproveitou este período para escrever suas principais obras e rodar o mundo. Todos, de Harvard a países africanos e europeus, queriam conhecer e estudar os feitos e as teses do educador pernambucano (Paulo Freire é o brasileiro que mais recebeu títulos *honoris causa* e o 3º autor mais citado em trabalhos científicos no mundo). Sem dúvidas, é a maior referência educacional do Brasil no século XX, e não à toa é considerado também o patrono da educação nacional por lei.

Já no século XXI, os maiores exemplos são nordestinos também, destacando que aqui é mais difícil ensinar, portanto os feitos ainda são tecnicamente maiores do que parecem.

O professor Francisco Soares (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) distingue estatisticamente o que cunhou de “efeito escola” e “efeito socioeconômico” refletidos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o principal indicador de mensuração da proficiência dos estudantes de rede pública do Ensino Básico do Brasil.

Podemos identificar como o processo de ensino de uma escola ou rede impactou diretamente no aprendizado dos alunos descontando estatisticamente o efeito socioeconômico. Nas regiões mais ricas, as condições sociais sopram ventos positivamente; às vezes sopram tanto que é possível identificar um “efeito escola” neutro ou negativo, ou seja, um bom resultado é “mascarado” pelo potencial já estabelecido por condições extraescolares.

Assim, no Nordeste ou em outras regiões em que esses ventos não sopram a favor – às vezes chegando a soprar contra –, a necessidade de esforço escolar e docente é muito maior. Logo, é natural ter a expectativa de que os melhores resultados do IDEB do Brasil sejam os das regiões Sul e Sudeste, o que ocorreu nas primeiras medições da Prova Brasil (exame aplicado para obtenção das proficiências de Língua Portuguesa e Matemática, que compõem o IDEB).

E o que ocorre agora é justamente o contrário. A capital que tem os melhores IDEBs tanto nos Anos Iniciais como nos Anos Finais do Ensino Fundamental é Teresina/PI, desde 2017. A capital cujos índices mais crescem é Recife/PE, desde 2017 também. O maior IDEB do Brasil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a maior referência em resultados na alfabetização, é Sobral/CE, que, hoje, é sabido, inclusive, ter um sistema educacional com resultados semelhantes à OCDE Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Aliás, hoje não apenas Sobral, mas também todos os 184 municípios do Ceará apresentam melhorias substanciais na alfabetização, e o trabalho articulado do Governo do Ceará junto aos municípios é referência nacional.

Fechando os exemplos nordestinos, Pernambuco é a grande referência na etapa do Ensino Médio: em menos de duas décadas saiu dos piores resultados para o melhor, implantando em escala um modelo de escola em tempo integral, que logo se tornou política pública nacional e todos os demais estados copiaram.

Se há uma revolução educacional em curso no Brasil – e eu acredito nisso –, ela foi iniciada e acelerada no Nordeste brasileiro. Não faltam exemplos e argumentos. O desafio é fazer todo um país, de dimensões continentais, trabalhar de modo mais articulado e coordenado e conseguir replicar as melhores práticas. Para isso, o Ministério da Educação (MEC) precisa ser MEC. O sistema precisa ser sistema.

Voltando no tempo, a história confirma que o Ceará, em breve, será o Paraná.

Sobral precisou de mais de 20 anos de trabalho constante, o que trouxe consistência aos resultados – não foi um movimento rápido. E todos os 184 municípios seguem o mesmo exemplo, garantindo continuidade aos processos. Por isso, retorno à mesma tecla: é preciso tempo para que a revolução aconteça.

Se Nóvoa não estiver errado, todo esse investimento basilar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental logo impactará não só os Anos Finais, como os índices já apontam, mas também o Ensino Médio. E muitos anos desses efeitos impactarão o padrão socioeconômico de determinada região. Logo, em mais algumas décadas, a história aponta, com base no que já ocorreu, o estado nordestino de Chico Anysio poderá usufruir das condições hoje estabelecidas em estados da região Sul do Brasil, tais como o Paraná.

Li um livro muito interessante do historiador Vinícius Müller, de quem tive a honra de ser aluno, que analisou as finanças dos Estados de Pernambuco, São Paulo e Rio Grande do Sul de 1850 a 1930, ou seja, de oito décadas do meio do século XIX até as primeiras do século XX.

Neste período, o rico estado de Pernambuco viu a economia sucroalcooleira entrar em forte crise, decorrente da concorrência internacional ferrenha com outras colônias europeias em países sul-americanos e caribenhos. Já o estado de São Paulo vivia a ascensão da cafeicultura.

Um olhar simplificado para os dois exemplos talvez justifique por que hoje São Paulo mova boa parte do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e por que Pernambuco é um dos estados mais pobres da região Nordeste. E é aí que entra o Rio Grande do Sul na análise, pois não passou nem por um mercado em declínio, nem por ascensão. Sempre teve seu mercado mais voltado para o consumo interno do país, focado em alguns itens essenciais da agropecuária, como carnes e grãos.

Então, o que fez esse estado do Sul se tornar mais rico e desenvolvido do que os do Norte e Nordeste? A análise documental das finanças dos três estados deixou absurdamente clara a diferença de investimento com capital do próprio erário, sem considerar repasses federais, do estado do Rio Grande do Sul em relação ao estado de Pernambuco.

Durante os 80 anos examinados por Müller, Pernambuco diminuiu consistentemente seus investimentos em Educação. Analisando a contabilidade pública, ficava claro que a prioridade do Estado era proteger os donos de engenho da bancarrota. Enquanto isso, na direção inversa, os gaúchos fizeram diversos esforços e elevaram regularmente o percentual médio de investimento em Educação ao longo dos anos.

Aquilo que foi feito no meio do século XIX e no início do século XX reverbera e explica muito do que vivemos neste 1/5 de século XXI.

A força do começo da vida para a vida toda

Olhe para toda essa história e seus efeitos e perceba que tudo isso ocorreu com base no Ensino Fundamental. Ainda não existia uma Educação Infantil baseada nos conceitos atuais. Durante muito tempo, essa etapa não era responsabilidade do Estado, e inicialmente foi considerada uma responsabilidade da assistência social.

Apesar de a Psicologia já saber que os primeiros anos de vida são fundamentais para a formação do caráter, apesar de tantos estudiosos e experiências de Educação já terem reconhecido, ao longo do século XX, a importância da Educação Infantil (Piaget, Vygotsky, Montessori, Waldorf, Reggio Emilia, Pikler...), foram os estudos de neurociências da década de 1990 que arrebataram as noções sobre o potencial da Primeira Infância para o desenvolvimento humano.

Hoje, é sabido – não por todos, mas por muitos – que o período do nascimento ao 6º ano de vida de uma criança é “a maior janela de desenvolvimento” humano. Período não apenas de maior crescimento, mas também de aprendizado de funções executivas essenciais para outras mais complexas e para uma vida adulta mais sã.

Segundo o Prêmio Nobel de Economia de 2000, o estadunidense James Heckman, o melhor investimento que um governo pode fazer é na Primeira Infância. Ele evidenciou que para cada dólar investido na garantia de direitos de uma criança (melhores cuidados parentais, acesso à educação, bom suporte à saúde e à nutrição), há retorno de pelo menos 14 centavos ao ano ao erário público. Isso é refletido tanto pelo aumento da escolaridade e renda dos cidadãos, o que dinamiza a economia, como pelos menores gastos com saúde, educação e segurança pública. Uma criança protegida, amada e bem estimulada no começo da vida tende a ter menos doenças e a cometer menos atos criminosos quando é adulta.

Uma outra pesquisa realizada por Hanushek e Rivkin define, de maneira clara, como a Primeira Infância influencia adiante nos resultados educacionais dos jovens. Eles levantaram mais de uma década de resultados do PISA, o exame realizado pela OCDE com estudantes de 15 anos de mais de 60 países.

Depurando detalhadamente os resultados dos países que melhoraram seus resultados ao longo deste período, os pesquisadores identificaram três fatores fundamentais: (1) Contexto familiar; (2) Estímulos na Primeira Infância; (3) Uma vez na escola, a prática do professor.

Para o público em geral, os achados são mais impressionantes. Para quem vive a sala de aula, a leitura é a mesma que tive quando escutei as palavras do professor António Nóvoa: “eu já sabia”.

De certo modo, mais uma vez, traz um alívio. Tanto que os professores falam da importância da família e desses estímulos que a criança recebe nos primeiros anos, que, muitas vezes, é interpretado como escusa. E aí a ciência vem e mostra como pais letrados e um ambiente familiar mais equilibrado e com mais recursos **podem** fazer a diferença. “Podem” está grifado porque é claro que isso não é uma

regra. Ninguém está querendo ser determinista, ainda mais se tratando de realidades sociais familiares. Tem muita gente com pouquíssimo capital que se esforça para dar o melhor para os filhos, que, mesmo sem tantas referências, procura fazer aquilo que entende que é certo e, principalmente, proporciona o que tem de mais valioso: o afeto, o carinho e o cuidado, e isso tem um peso realmente relevante para o desenvolvimento cognitivo, já que explica o segundo fator encontrado no estudo.

Os estímulos na Primeira Infância refletem justamente em toda trajetória escolar, como já citamos. Cuidar dos primeiros passos dos bebês e das crianças pequenas é como construir uma base firme. Ela certamente aguentará uma forte edificação.

E não menos importante que os outros dois, o terceiro fator é o professor e sua práxis. Uma vez que a criança tenha acesso à escola, nada influencia mais o aprendizado de um estudante do que a atuação do professor, o processo de ensino e sua intervenção.

Isso claramente traz duas perspectivas de olhar e análise: a primeira é a de que o professor é estatisticamente mais relevante do que a infraestrutura, do que os materiais didáticos, do que recursos tecnológicos. Portanto, reforça o argumento da necessidade de se investir na carreira docente, tanto na qualidade da formação inicial como na continuada e nos salários, atraindo mais gente para essa profissão, além de atribuir a ela dignidade, *status* e respeito.

Em segundo lugar, apresenta-se a necessidade de o professor se esforçar ao máximo, buscar aprimoramento profissional contínuo e ser cobrado por excelência no processo, visto a importância de sua prática no futuro e na vida de outros cidadãos.

Vencer a fronteira do acesso sem esquecer da qualidade

Então fica cada vez mais claro o potencial de que temos conhecimento. Garantir o direito a uma Educação Infantil de qualidade pode ser revolucionário ao cubo! São tantos argumentos e evidências científicas que urge um projeto de nação que priorize as crianças, que compreenda que só teremos uma transformação profunda no nosso país quando garantirmos às crianças condições de base.

E, aqui, faço ponderações às críticas que fazemos excessivamente ao nosso país; muitas vezes, nós nos esquecemos de reconhecer seus avanços. Mas a verdade é que o Brasil conseguiu bons avanços no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, quando universalizou o acesso ao Ensino Fundamental, o que não é um feito simplório para um país com dimensões continentais.

Agora, no tocante à cobertura de vagas na Educação Infantil, também avançamos, mas a lacuna ainda é grande. Na pré-escola, segundo os números do Observatório do Plano Nacional de Educação (OPNE), alcançamos 94% de cobertura de matrículas da população, quando a meta era termos alcançado os 100% em 2016. Já em relação às vagas em creches para crianças de zero aos 3 anos, a distância é um pouco maior. Temos 37% de cobertura, quando a meta era chegar aos 50% até 2024. Elevar esses 13 pontos percentuais em mais 3 anos não é nada fácil; o histórico não está a nosso favor.

No entanto, no final de 2020, houve a aprovação de uma nova legislação para o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), principal mecanismo de financiamento das redes estaduais e municipais do país, com ampliação da participação de recursos federais e com uma parcela carimbada para a etapa de Educação Infantil.

Quem conhece a gestão pública e a realidade financeira dos mais de 5 mil municípios brasileiros percebe que o maior gargalo para expansão das novas vagas na Primeira Infância não é o dispêndio para investimento para construção de novas unidades, e sim o custeio, os gastos com o funcionamento delas.

Assim, o Novo Fundeb aponta para um “incentivo no lugar certo do processo”, como preconiza Nóvoa, e tende a influenciar positivamente a velocidade de decisão e expansão das redes municipais na Educação Infantil. Assim, a década que está apenas começando tem tudo para ser “a década da Educação Infantil”, em que deveremos universalizar a pré-escola e avançar, de modo mais consistente, na oferta de vagas de creches.

Esta é a próxima revolução da Educação, com enorme potencial! Concorda?

Outras formas de ampliar a Educação Infantil

Há um outro jeito de revolucionar a Educação, e é por meio da Educação Infantil. Não é por intermédio da expansão de vagas, e sim “espalhando” suas premissas pedagógicas.

Façamos um exercício de reflexão em conjunto; peço que me acompanhem. Listarei aqui alguns atributos que fazem a etapa inicial da Educação Básica ser tão especial.

Primeiro exemplo: formação de identidades, reconhecimento do eu, do outro e a relação com o espaço, tema presente na nova BNCC. Já imaginou como isso é importante durante a formação da personalidade e em momentos de regulação cognitiva durante a adolescência? Ou mesmo como isso continua sendo importante para a formação de um profissional e trabalho em equipe?

Os mesmos aspectos se encaixam quando analisamos as competências socioemocionais, tão importantes para as crianças e para a vida toda. São importantes para a Educação Infantil, para o Ensino Fundamental, para o Ensino Médio, para o Ensino Superior, para toda a vida!

Já reparou?

Passemos a outro aspecto: a ludicidade. A brincadeira é a principal estratégia pedagógica na Educação Infantil. Seria interessante levarmos a ideia de mais jogos e brincadeiras para as outras etapas? Hoje, o termo *gamification* está muito na moda, inclusive para atividades no trabalho. Qual é a base dos *games*? Engajamento por meio de uma narrativa de jogos, de desafios, de prazer pela brincadeira.

Experimente fazer o mesmo tipo de análise com qualquer outro fator relevante da Educação Infantil e verá como seria positivo explorá-lo nas outras etapas e que, na verdade, já falamos sobre isso, porém usando outros nomes e termos: Educação *maker*, sala de aula invertida, avaliação processual...

A grande questão é que, hoje, o modelo do Ensino Médio influencia os Anos Finais do Ensino Fundamental. Os Anos Iniciais do Ensino Fundamental sofrem a influência dos Anos Finais e, muitas vezes, deixamos a Educação Infantil ser pressionada pelo modelo do Ensino Fundamental. É o que chamamos de escolarização precoce, de educação “bancarizada”, que acelera o processo de alfabetização e de conteúdos, que tira o prazer da criança em aprender.

Tudo isso é fruto de um desequilíbrio. Certa vez, tive a honra de conversar com a professora mineira Magda Soares, craque no assunto da alfabetização. Minha pergunta foi quando seria adequado iniciar o processo de letramento. A resposta foi sábia: “criança gosta de aprender”. Quando a gente não antecipa, não força, e apenas promove um espaço adequado e interessante para o ensino, a aprendizagem ocorre de maneira prazerosa. Esse é o segredo.

O que ocorre atualmente é aquilo que o professor de Filosofia de Harvard, Michael Sandel, chama de “Tirania do Mérito”. Vivemos em uma sociedade que estabeleceu uma corrida pelo avanço, uma competição permanente e exacerbada, sem motivo e sem consciência sobre seus aspectos e consequências. A formação humana foi dobrada pela necessidade de vitória sobre os concorrentes e pelo domínio de fórmulas e regras decoradas para se obter boas notas e bons resultados em exames.

Olhemos para aquilo que temos de interessante na Educação Infantil e invertamos esse fluxo de influência. Em vez de o Ensino Médio influenciar o Ensino Fundamental e o Ensino Fundamental influenciar o Ensino Infantil, vamos promover o caminho contrário.

Já pensou quais podem ser os impactos se aquilo que temos como premissa para a Educação Infantil também forem premissas para o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Ensino Superior? É revolucionário.

Coincidentemente é tudo que pensamos de avançado para a Educação. Muito do que depositamos como expectativas para a “Educação para o século XXI” já está posto como essência da Educação Infantil. Pense nisso.

“O objetivo do futuro é o desemprego total para que possamos brincar”, Arthur C. Clark

Ainda concluo dizendo mais: aquilo que chamamos de “Educação para o século XXI” é baseado em uma projeção com base no passado. Precisamos liderar a partir do futuro que emerge, como diz o professor Otto Scharmer, do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

No futuro, a menos que nossa ganância não destrua nosso hábitat – o que continua sendo uma das principais ameaças à espécie humana –, teremos muito mais tempo para brincarmos, para sermos crianças. Todo o avanço tecnológico exponencial aponta para a diminuição ou mesmo a extinção de empregos braçais, de tarefas operacionais que podem ser assumidas por robôs ou pela inteligência artificial.

Surgirão outras preocupações, outras noções de trabalho, outras profissões, mas teremos de lidar com o ócio, com mais tempo livre para nos divertirmos. Precisamos, então, de uma educação que prepare nossos filhos e netos também para este futuro.

Esta é a utopia de alguns autores. A minha é que a Educação Infantil seja perenizada.

2 O papel da BNCC na releitura dos fazeres e na ressignificação das práticas na Educação Infantil

Francisca Paris

Para iniciar nossas reflexões, vamos fazer um aprofundamento para melhor compreender a organização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entender sua intenção e seus fundamentos e ponderar sobre prática pedagógica. É necessário lembrar que a BNCC não é currículo, e sim uma base para que cada escola, cada rede de ensino, elabore o seu currículo do ponto de vista de uma instituição educacional.

A BNCC, na etapa da Educação Infantil,

- ◆ Determina interações e brincadeiras como os eixos estruturantes das práticas pedagógicas;
- ◆ Define direitos de aprendizagem e desenvolvimento;
- ◆ Propõe objetivos de aprendizagem e desenvolvimento organizados por campos de experiência e faixas etárias;
- ◆ Ressalta a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas e de acompanhar a progressão das aprendizagens e desenvolvimento.



Quando entendemos a intencionalidade de um documento como a BNCC, conseguimos encontrar respostas de como podemos colocá-la em prática. A base nos apresenta o que fazer, mas como fazer continua a ser um elemento nas mãos dos professores.

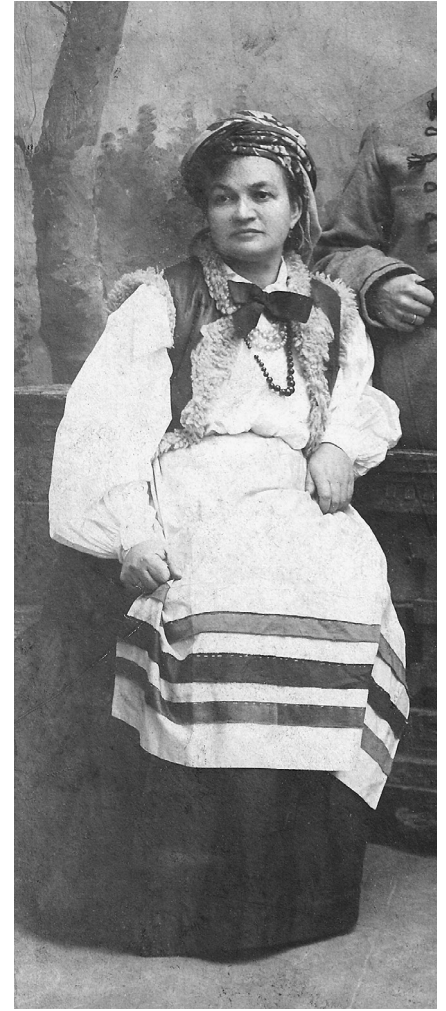
Na Educação Infantil, o cuidado é fundamental, porque nós trabalhamos com crianças muito pequenas – porém este cuidado não está descolado da atividade educacional. Então, por exemplo, na hora do banho no bebê, além do cuidado, há também um caráter educativo: neste momento, pelo toque do educador, o bebê pode compreender e conhecer o seu próprio corpo.

Todo fazer na Educação Infantil, portanto, é um fazer pedagógico, seja ele na atitude da interação do brincar ou do cuidado. Além disso, não podemos esquecer que a Educação Infantil no Brasil também é uma instituição de caráter protetivo que possibilitará novas interações à criança para que passe do mundo privado da família para o mundo público.

A escola da Educação Infantil é fundamental, porém se olharmos para esse caráter pedagógico e também para esse ato educativo estabelecido, implementado nessa instituição, percebemos que eles, à luz da BNCC, têm características muito diferentes das outras etapas do ensino. O documento é completamente diferente pela forma como foi escrito. A organização da BNCC para a Educação Infantil vem para subverter a ideia de escolarização que algumas pessoas ainda imaginam ser o melhor para as crianças. Essa base apresenta a criança como cidadã plena, e não como alguém que ainda vai se completar. Ela é plena do ponto de vista legal, porém tem necessidades específicas de desenvolvimento de aprendizagem e direitos de aprendizagem, que serão desenvolvidos nos Campos de Experiências e objetivos de aprendizagem.

Assim sendo, vamos nos aproximar do primeiro conceito que este documento nos traz: é o de infância como fato social e histórico. Isso significa que a ideia de infância nem sempre existiu na nossa humanidade histórica. E como percebemos isso?

Se olharmos para essas imagens, que é a de uma mesma pessoa em diferentes fases – criança, jovem criança e mulher –, e para as vestimentas nelas representadas, não veremos diferença nenhuma. Por quê? Porque, considerando infância como fato histórico, neste período a criança era considerada um adulto em miniatura e não precisava de nada específico voltado para ela.



Agora vamos observar essas outras imagens:



Se nós olharmos para essa infância hoje, nós vamos perceber que essa bebezinha – que virou uma menininha e hoje é uma mulher – tem características diferentes das do indivíduo que analisamos acima, por exemplo, em termos de vestimentas, jeito de pentear os cabelos e necessidades particulares, sendo que todos são elementos coerentes com cada fase de seu desenvolvimento. Portanto, infância não é uma questão natural, e sim um fato social.

A importância da construção do conceito de infância teve um grande avanço com os estudos do pesquisador francês Philippe Ariès, por ele ser o pioneiro nesta temática, com a publicação da obra *História Social da Criança e da Família*, em 1960. Foi ele quem formulou um novo olhar historiográfico para o sentimento de infância no mundo ocidental, demonstrando que foi uma concepção socialmente construída durante a época moderna, e destacando aspectos desde a consciência da infância até as especificidades da criança, ou seja, aquilo que a diferencia do adulto. Segundo relata Ariès (1981), a infância foi um conceito historicamente construído e a criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim como um adulto em miniatura. Este autor considera a infância como uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade, onde a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, é decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural. Essa afirmação desencadeou grandes mudanças na compreensão da infância, já que ela era pensada como uma fase da vida, como qualquer outra. Nesse sentido, a história da infância surge como possibilidade para muitas reflexões sobre a forma como entendemos e nos relacionamos atualmente com ela. (BEZERRA LINS *et al.*, 2014, p. 128).

Criança é uma categoria etária. Na legislação brasileira, todo cidadão ou cidadã com até 12 anos incompletos é considerado criança. Segundo o dicionário Aurélio, a infância é definida como um “período de crescimento do ser humano, que vai do nascimento até a puberdade”. É importante lembrar que a BNCC não usará a nomenclatura “aluno” quando se referir à Educação Infantil, mas falará em “crianças”.

Infância é uma categoria histórica que apresenta vários significados. Essa categoria muda porque é uma questão de contexto; isso significa que a infância é diferente dependendo da situação econômica, histórica, política e cultural do indivíduo.

Portanto, “infância” e “criança” não são sinônimas! Compreende-se, então, que a idade cronológica não é suficiente para caracterizar a infância.

Infância é categoria histórica que tem vários significados, os quais, por sua vez, dependem de relações sociais, econômicas, políticas, históricas, culturais, entre outras.

Criança é categoria etária que na legislação brasileira compreende até os 12 anos.

Para entender um pouco mais, vamos observar essas duas crianças: na classificação etária, as duas têm menos de 12 anos, mas também podemos deduzir que cada uma delas tem uma infância completamente diferente.



Observando as fotos, percebe-se que enquanto uma das crianças está em condição de precariedade total de subsistência, a outra tem todos os mimos e cuidados que são possíveis para que ela possa viver muito bem nessa sua faixa etária.

Ao falarmos em infâncias diferentes, não estamos, de maneira alguma, atribuindo valor às possibilidades de aprender mais ou aprender menos. As duas crianças da foto podem ter possibilidades de aprender e se desenvolver desde que lhes sejam dadas disponibilizadas oportunidades para isso. Neste

aspecto, as instituições de Educação Infantil merecem destaque pois são os locais onde as diferenças de oportunidades são reduzidas. Desse modo, reforçamos a relevância da infância para o desenvolvimento do ser humano, reforçado pelos eixos estruturantes da BNCC: a importância das interações e das brincadeiras para seu pleno desenvolvimento. Nesta direção, não podemos idealizar que todas as crianças de 4 anos, por exemplo, tenham o mesmo jeito de ser, agir, modelo de pensar, brincar ou qualquer outro aspecto. Dependendo da infância que a criança vive, seus comportamentos, assim como jeitos de aprender, de brincar e de falar, poderão ser completamente diferentes das de seus colegas.

O educador, na Educação Infantil, precisa, então, olhar para as infâncias que compõem o seu grupo de crianças na hora de propor o currículo, não se esquecendo que a criança, de acordo com a BNCC, é um sujeito histórico e com direitos. O eixo principal que sustenta a BNCC da Educação Infantil é a concepção de infância, ao compreender a criança como centro do processo.

Nesta direção, é nas interações, relações e práticas que ela vivencia com o sonho, externa a sua identidade pessoal e coletiva. Como afirmam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança é *“um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”* (BRASIL, 2010, p. 12). É uma criança situada em uma determinada infância, que tem uma proteção legal; é um sujeito de direitos, mas que vai se construir a partir das relações que estabelece com este meio cultural.

Agindo com o outro, consigo mesmo, com um brinquedo, com o objeto de conhecimento e com o professor, essa criança começa a se perguntar sobre o mundo, a questionar e a criar suas hipóteses sobre ele – muito apoiada na brincadeira, para não dizer que esta é a única maneira de a criança aprender – por meio dos jogos simbólicos e dos seis direitos de aprendizagem: conviver, conhecer, se expressar, explorar, participar e brincar, garantidos quando a criança estabelece relações.

Com isso trazemos mais uma das definições presentes na BNCC, que é como essa criança, um sujeito histórico de direitos, se organiza no contexto e aprende por meio de interações e brincadeiras.

Além disso, a BNCC preconiza que as instituições de Educação Infantil se organizem como um espaço de construção de cultura e educação. É um ambiente de interação, diferente do ambiente familiar, em que nas situações propostas às crianças há uma INTENCIONALIDADE EDUCATIVA. É um espaço onde

se desenvolvem experiências ricas e significativas que irão ampliar, potencializar as aprendizagens das crianças. Nesse sentido, o professor tem uma função essencial, porque, apesar de não ser o único agente dessa formação, é o parceiro privilegiado, aquele parceiro que historicamente já tem outras experiências, já sabe fazer outras coisas, e que nessas interações se coloca como um mediador que propõe diferentes atividades para estimular estas crianças em suas diferentes fases do desenvolvimento. Por exemplo, o educador, com a intenção da aprendizagem e da observação das diferentes crianças ao propor uma simples amarelinha, poderá registrar o desenvolvimento da turma e refletir acerca de suas próximas propostas de modo a estimular cada uma delas.

A BNCC propõe organizar o trabalho com as interações e as brincadeiras organizando no currículo a partir dos Campos de Experiências: um arranjo curricular para propor diferentes estratégias às crianças.

Considerando os Campos de Experiências, devemos acolher as experiências que as crianças trazem e propor uma atividade, uma tarefa, uma brincadeira, uma canção para transformar e aprofundar a experiência vivida por elas. Por intermédio das suas relações, dos seus saberes, das suas hipóteses e das suas possibilidades, ela ampliará os seus saberes como um patrimônio cultural.

Uma outra conceituação que se faz necessária diz respeito ao conceito de experienciar, que é diferente de vivenciar. A vivência desperta curiosidade e interesse, que, por sua vez, promovem a experiência. Esta última, portanto, gerará marcas e transformações internas que poderão ser relacionadas a outras aprendizagens e utilizadas em outros contextos.

E, afinal, o que são experiências? É o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. São vivências que nos “atravessam” e sensibilizam, gerando aprendizagens. E na escola, que é um espaço onde muitas coisas se passam, onde há muita informação, talvez poucas coisas nos aconteçam, nos toquem, nos incomodem e desacomodem, nos gerem experiências. É preciso pensar, enfim, quais são as experiências reais vividas pelas crianças.

Neste cenário faz-se necessário repensarmos nossos planejamentos a partir das experiências para trazermos um trabalho mais integrado, tendo a criança como protagonista do seu processo de aprendizagem e o conhecimento produzido pela interação entre a criança e o mundo, entre os adultos e as crianças, entre as crianças e as outras crianças.

Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento não podem ser dissociados da intencionalidade dos educadores em cada uma de suas propostas. Para entendê-los, devemos considerar que o processo de desenvolvimento tem parâmetros determinados pela herança genética e que o processo de aprendizagem também depende do contexto que as crianças vivem. Ou seja, deve-se considerar que as crianças, desde o nascimento, apresentam muitas possibilidades de aprendizagem, que serão concretizadas se lhes forem dadas oportunidades para isso. Não se deve esquecer que as aprendizagens efetivas das crianças passam a fazer parte de seu desenvolvimento. Certas aprendizagens ampliam o desenvolvimento das crianças e reorganizam informações anteriormente adquiridas, ampliando, assim, o conhecimento das crianças, principalmente quando levamos em consideração o nível conceitual.

Com todos esses contextos e conceitos abordados em nossa reflexão, reforçamos a importância da Educação Infantil e do papel dos educadores na elaboração de propostas que possibilitem aos alunos novas oportunidades de vivências, com isso ampliando suas experiências.

Bibliografia

ARIÈS, Phillippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BEZERRA LINS, Samuel Lincoln et al. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. *CES Psicol*, Medellín, v. 7, n. 2, p. 126-137, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802014000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/2.BNCC_EI_Forma%C3%A7%C3%A3o_1PDF.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2010.

3 A Educação Infantil baseada em evidências científicas: o papel das habilidades preditoras

Patrícia Botelho da Silva

Os dados de avaliação nacionais e internacionais referentes à educação brasileira e seus processos de aprendizagem de habilidades acadêmicas básicas para o desenvolvimento vêm mostrando que o cenário educacional do País precisa de ajustes e mudanças imediatas. A partir disso, novas políticas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA) têm como objetivos propor mudanças neste cenário. A PNA, em especial, trouxe algumas novidades, sendo a principal delas a proposta de uma educação baseada em evidências científicas.

Mas o que seria essa tal de educação baseada em evidências científicas?

A ciência é uma forma de adquirir conhecimentos por meio de estudos experimentais para a construção de conhecimentos específicos e, a partir disso, apresentar robustas evidências do que é e como algumas habilidades e o aprendizado acontecem. Todos os processos científicos buscam evitar os vieses do senso comum e da intuição, trazendo comprovação aos fatos e processos educacionais. O fato é que não importa o tanto que uma teoria ou explicação pareça funcionar no cotidiano ou seja bastante razoável teoricamente; ela precisa ser submetida a testes e experimentos para ser considerada cientificamente adequada ou não.



Logo, a ciência não para! As evidências caminham e se modificam com o avanço científico e com novos estudos, hipóteses e compilados de resultados que explicam qual é a melhor maneira de aprendermos. Teorias aceitas há muitos anos atualmente já não configuram mais evidências para o cenário atual, pois novas pesquisas e novos experimentos foram desenvolvidos e comprovados ao longo do tempo. Sendo assim, as práticas baseadas em evidências buscam informar os professores e profissionais da Educação sobre quais achados de Neurociências, Neuropsicologia, Psicologia e Educação são mais robustos para nosso atual cenário e, com isso, fundamentar práticas educacionais eficazes e comprovadas pelo método científico.

E o que a PNA traz em relação a isso? Sua base e seus conceitos são baseados nas Neurociências e na Psicologia Cognitiva, visando trazer evidências para o cenário da Educação Infantil.

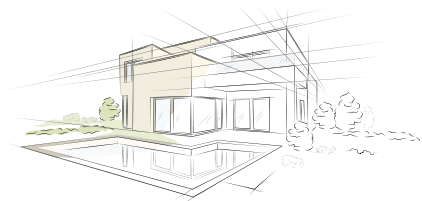
Mas qual seria a importância da Educação Infantil e da Primeira Infância para o desenvolvimento?

Vamos iniciar nossa conversa destacando como nosso cérebro aprende, afinal é ele que podemos chamar de maestro do nosso desenvolvimento e aprendizado. O ponto principal é que todo processo de aprendizagem promove mudanças no cérebro. E quais fatores são importantes para promover essas mudanças?

Para você, qual fator é mais importante: genética ou ambiente?

Vamos pensar do seguinte modo: imagine que precisamos construir uma casa. Qual é a primeira coisa necessária para executar esse plano? Precisamos elaborar a planta da casa, certo? E depois? O próximo passo seria escolher o material, que pode ser diversificado: madeira, tijolo, concreto, aço, entre muitas opções existentes. Porém, é esse material que irá dar sustentação para nossa casa.

O que é mais importante: genética ou ambiente?



Herança
genética/biológica



Base: experiência nos
primeiros anos de vida

Metáfora da casa: Kolb & Whishaw, 2002

Agora vamos trazer essa ideia para compreender o desenvolvimento e a Primeira Infância. Podemos dizer que a planta da casa seria todo o nosso aparato genético e biológico, que precisa ser construído e estar preservado. Porém, só isso não constrói a casa, ou seja, precisamos colocar a casa de pé. Podemos dizer que toda a construção da casa está relacionada com as experiências do ambiente,

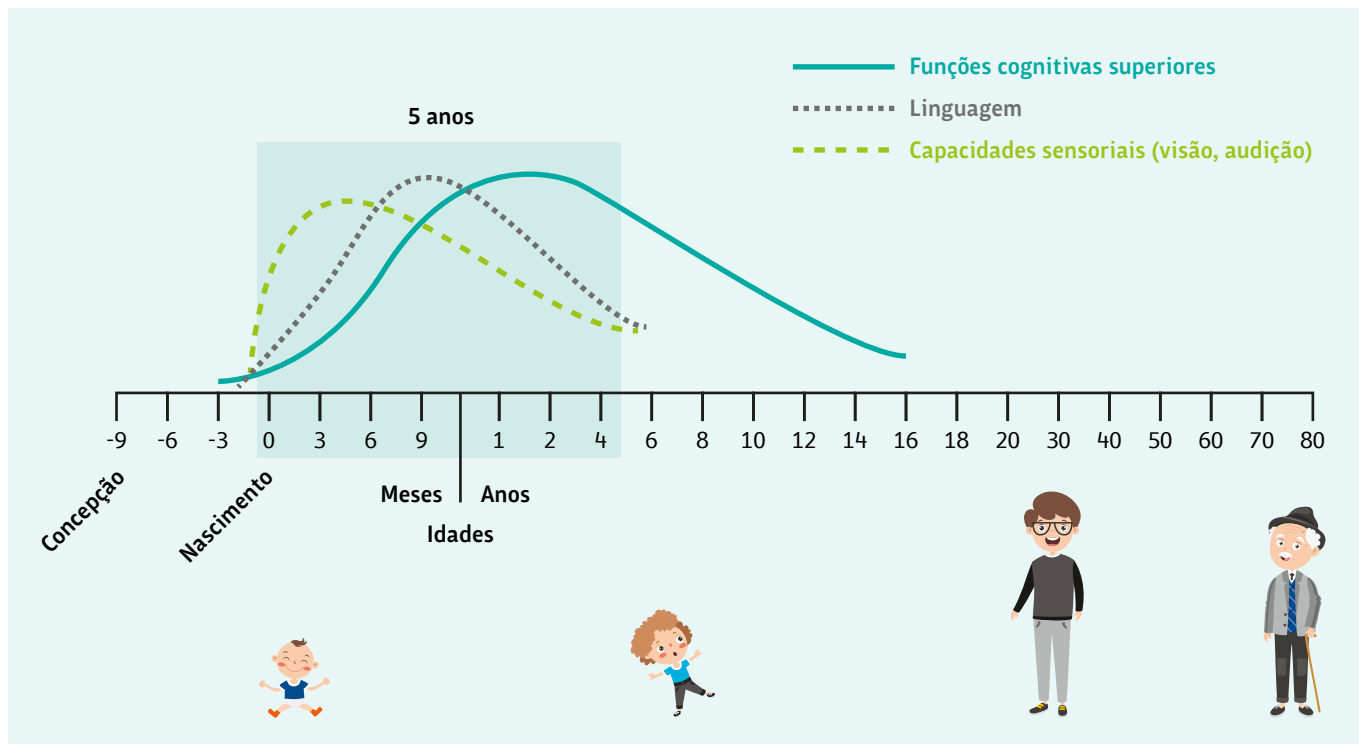


ou seja, o material e a estrutura da casa dependem de boas experiências – e experiências que garantam uma base sólida para esse desenvolvimento. Mas se pensarmos nessa estrutura e base de construção, seria essa a primeira etapa (e a mais importante delas) para que a casa não caia ou desmorone com facilidade, certo? A mesma ideia se dá com a Primeira Infância. É ela que vai construir essa base sólida para o desenvolvimento integral. Pensando no que

acabamos de discutir, não adianta somente o aspecto biológico estar preservado, sendo necessária a experiência com o ambiente e com aquilo que o cerca para construir a base mais sólida possível. É com a experiência que nosso cérebro desenvolve novas conexões e se modifica de maneira mais ampla e eficiente. A Primeira Infância, assim, é o momento em que nosso cérebro está mais propício a receber esses estímulos e desenvolver habilidades cognitivas mais sólidas, que promovem melhores condições de aprendizagem.

Ampliando o conhecimento! Você sabe o que é cognição ou o que são habilidades cognitivas? Podemos pensar que são as habilidades cognitivas que nos auxiliam a compreender o ambiente e extrair significado dele. É por meio daquilo que chamamos de atenção, memória, inteligência, linguagem e funções executivas que conseguimos receber estímulos e processá-los em nosso cérebro para adquirir conhecimento e aprendizado. A cognição cria uma ponte entre o ambiente e nosso cérebro!

Os períodos sensíveis, que são períodos em que o cérebro está mais propício e aberto ao desenvolvimento de nossas habilidades cognitivas, acontecem para algumas habilidades importantes aqui na Primeira Infância.



Referência: Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. Estudo nº1: o impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem. 2014.

Mas para que essas habilidades sejam desenvolvidas, as crianças precisam de estímulos do ambiente, de experiências que promovam esse aprimoramento inicial. Com isso, há a necessidade de estímulos explícitos para desenvolver essas capacidades que serão essenciais para toda a vida. E uma dessas habilidades é a linguagem!

A Primeira Infância é o período mais propício e relevante para estimular habilidades cognitivas que serão essenciais para o aprendizado de toda a vida!

Se pensarmos nos diferentes contextos socioeconômicos do Brasil, as experiências que as crianças apresentam no contexto familiar e social são muito diferentes e, em muitos casos, podem ser escassas e precárias devido a condições socioeconômicas. Pensando nisso, a escola tem papel fundamental! A escola deve ser o ambiente que pode diminuir a diferença entre as crianças em relação à construção sólida dessa base cognitiva e de aprendizado, pois possibilita estímulos de qualidade e desenvolvimento integral a todos. A partir do que discutimos até aqui, a Educação Infantil ganha grande importância para o desenvolvimento cognitivo e aprendizado, visando garantir melhores condições para toda uma vida acadêmica!



Ampliando conhecimento! O nível socioeconômico tem impacto sobre o desenvolvimento, e uma escola de qualidade pode minimizar eventuais efeitos negativos. Se você tem interesse no assunto, confira os materiais:

- ◆ Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. Estudo nº1: o impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem. 2014. Disponível em: <<https://ncpi.org.br/publicacoes/impactodesenvolvimento/#:~:text=0%20impacto%20do%20desenvolvimento%20na%20Primeira%20Inf%C3%A2ncia%20sobre%20a%20aprendizagem,-1%20de%20janeiro&text=Este%20%C3%A9%20o%20primeiro%20Working.capacidade%20de%20aprendizagem%20da%20crian%C3%A7a>>
- ◆ Engel de Abreu, P. M. J., Tourinho, C. J., Puglisi, M. L., Nikaedo, C., Abreu, N., Miranda, M. C., Befi-Lopes, D. M., Bueno, O. F. A., & Martin, R. (2015). A Pobreza e a Mente: Perspectiva da Ciência Cognitiva. Walferdange, Luxembourg: The University of Luxembourg. Disponível em: <http://cpnsp.com.br/sms/files/A_pobreza_e_a_mente_perspectiva_da_ciencia_cognitiva_DEVPOLUX_2015.pdf>

Depois de toda essa discussão importante sobre a importância da Primeira Infância e da Educação Infantil para o aprendizado e desenvolvimento integral, o que a PNA e principalmente a ciência cognitiva e a neurociência trazem de importante para o trabalho a ser feito nas fases iniciais de desenvolvimento das crianças?

Para que habilidades e o aprendizado mais complexo ocorram, é necessário, em primeiro lugar, aprimorar e desenvolver habilidades básicas e mais simples. Pensem em como é difícil aprender algo se o ensino não for sistematizado e hierarquizado. Por exemplo, quando aprendemos uma nova língua. Se eu for para um país do qual não conheço nada da língua nativa e simplesmente for inserida no dia a dia dessa nova cultura e precisar aprender a falar o idioma sem nenhuma instrução direta e explícita, partindo do simples para depois ensinar o complexo, não seria muito difícil e demorado o aprendizado? Não seria mais fácil se eu pudesse me preparar antes? Aprender primeiramente o simples e depois partir para a conversação no dia a dia ou até em busca de um emprego?

É isso que a PNA traz quando apresenta a importância das habilidades preditoras a serem desenvolvidas na Educação Infantil. As habilidades preditoras seriam então habilidades básicas, essenciais e muito importantes a serem estimuladas e desenvolvidas na Educação Infantil, visando garantir a base de sustentação para habilidades cognitivas e acadêmicas mais complexas que serão apresentadas somente no Ensino Fundamental. Além disso, desenvolvendo essa base, o aprendizado se torna muito mais fácil e principalmente mais sólido, evitando problemas dos alunos lá na frente. **Mas é importante que estas habilidades sejam estimuladas e trabalhadas de maneira explícita, ou seja, por meio de atividades com intencionalidade pedagógica. E lembre-se sempre: precisamos trabalhar em uma hierarquia para garantir solidez e facilidade ao processo, partindo de habilidades básicas para habilidades mais complexas!**

Sendo assim, existe o que chamamos de efeito preditivo destas habilidades em relação às habilidades que serão desenvolvidas posteriormente. O que isso significa? Quanto melhor for o desenvolvimento dessas habilidades preditoras, melhor poderá ser o desenvolvimento de habilidades complexas lá na frente.

Uma dessas habilidades é a linguagem. A linguagem é importante para o aprendizado, pois garante que muitos conteúdos sejam aprendidos e armazenados. Você já percebeu que muitos dos conteúdos que armazenamos acabamos usando como nomes ou significados para palavras? Pois é, a linguagem possibilita armazenar e resgatar os conteúdos apreendidos do ambiente, dando sentido à informação. A linguagem pode ser dividida em componentes orais, escritos (leitura e escrita) e linguagem de sinais. A linguagem oral é a base para desenvolver a linguagem escrita. É por meio dela que construímos os conhecimentos sobre a estrutura sonora (fonologia), morfológica (unidades com significados), semântica (significados), sintática (organização de sentenças), prosódica (como imprimir a melodia da fala) e gramatical. É, portanto, por meio da linguagem oral que compreendemos

nossa língua e sua estrutura. Entre as habilidades importantes da linguagem oral, o vocabulário, ou seja, conhecimentos sobre palavras, assegura conhecer e entender o discurso oral e posteriormente a linguagem escrita. Ele viabiliza construir as representações sobre as palavras e armazená-las para que depois possamos acessá-las quando for necessário. Assim, o objetivo comunicativo da linguagem pode ser alcançado com o desenvolvimento de suas respectivas habilidades essenciais.

Além disso, existem 6 principais habilidades descritas na literatura científica como fortemente relacionadas com o desenvolvimento acadêmico e mais complexas para a alfabetização e para a literacia, termo utilizado na PNA. São elas:

Além disso, existem 6 principais habilidades descritas na literatura científica como mais fortemente relacionadas com o desenvolvimento acadêmico e mais complexo para a alfabetização e o termo utilizado na PNA que é literacia. São elas:

- ◆ **Conhecimento alfabético:** conhecer as letras, seus sons e sua grafia são importantes para que representações linguísticas sejam criadas e para que a criança possa compreender que os sons e as palavras que usamos em nossa fala podem ser representados por sinais gráficos. Apresentar o mundo das letras é importante para construir a base do aprendizado mais complexo.
- ◆ **Consciência fonológica:** a consciência fonológica é uma das habilidades mais fortemente relacionadas com o aprendizado posterior da linguagem escrita. Existem diversas pesquisas científicas que comprovam a importância desta habilidade para o aprendizado. A consciência fonológica é a habilidade de identificar, reconhecer e manipular as unidades sonoras da língua para construir palavras. Que unidades seriam essas? Palavras, sílabas, rimas, aliterações e fonemas. Essa progressão de conhecimento parte das unidades maiores e mais perceptíveis da fala, como as palavras, até aquelas mais difíceis de perceber no nosso dia a dia e que precisam de ensino explícito, que são os fonemas, por exemplo. Vamos pensar em alguns exemplos?

Que palavras formamos se acrescentar “maca-” no início de “-rrão”?

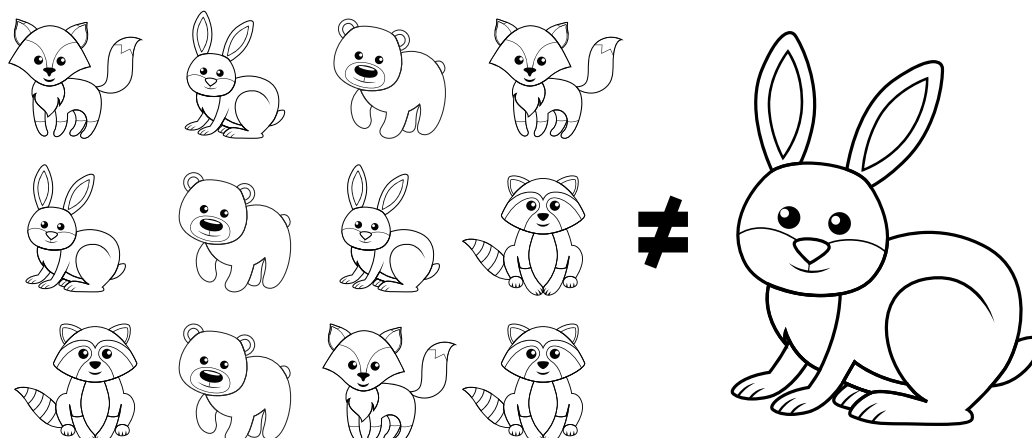
Quantas sílabas a palavra “fada” tem? Para isso, analise quantas vezes abrimos nossa boca para falar “fada”.

Que palavra formamos ao juntar os sons /f//o//i/? (os sons, e não o nome da letra)

Portanto, entender e compreender as unidades que compõem nossa fala e como manipulá-las nos possibilita entender como construir palavras e, com isso, como usá-las de maneira mais consciente. Trabalhar as unidades menores das palavras para depois inseri-las dentro de um contexto maior, como frases e textos, é essencial e caminha em direção ao desenvolvimento cerebral. Por isso, é preciso ensinar os fonemas.

Você sabe o que é um fonema? É a menor unidade sonora com significado de nossa língua. Por exemplo, cada letra do nosso alfabeto tem um som diferente, o que é diferente do “nome” da letra. É o som que emitimos quando falamos essa letra.

- ◆ **Nomeação automática rápida de objetos e cores:** a nomeação automática rápida é uma das habilidades mais importantes, em conjunto com a consciência fonológica, para o desenvolvimento da linguagem escrita. Essa é a habilidade de nomear, ou seja, dizer o nome, corretamente e do modo mais rápido possível, de uma série de desenhos, figuras ou cores apresentadas em linhas e repetidamente em sequência aleatória. Para isso, é preciso integrar habilidades visuais (compreender e discriminar os estímulos visuais) e habilidades verbais (saber o nome correto de determinado elemento, seus sons, significados e como falar esses estímulos) de maneira rápida! Isso é diferente das habilidades de falar o nome de figuras quando elas são apresentadas sozinhas na página. A nomeação automática rápida envolve muitas outras habilidades cognitivas, como velocidade de processamento, movimento ocular, linguagem, habilidades motoras, percepção visual. Além disso, você consegue perceber a semelhança com habilidades que serão necessárias depois para a leitura, tais como seguir linhas, acessar rapidamente os nomes de símbolos visuais e pronunciá-los? Por isso, esta é uma habilidade preditora, visto que estimula e desenvolve habilidades básicas para posteriormente desenvolver habilidades mais complexas.



- ◆ **Nomeação automática rápida de letras e dígitos:** esta é a habilidade em nomear, ou seja, dizer o nome, corretamente e do modo mais rápido possível, de uma série de letras e números apresentados em linhas e repetidamente em sequência aleatória. Como já foi descrito, isso envolve a integração rápida de habilidades visuais e verbais e é diferente de falar o nome de letras e números isolados.
- ◆ **Escrita inicial e escrita do próprio nome:** a escrita inicial é a habilidade de escrever, a pedido, letras isoladas ou o próprio nome. É uma habilidade importante para a compreensão de que cada letra representa um som e uma forma específica de grafia com movimentos complexos e específicos. A compreensão do princípio alfabético é importante!
- ◆ **Memória fonológica:** a memória fonológica é a habilidade de se lembrar de uma informação dada oralmente por um período curto de tempo. Ou seja, envolve lembrar de informações verbais e auditivas logo após terem sido apresentadas. Por exemplo, quando se dá uma instrução do tipo “pegue o caderno de Português” e a criança consegue executar a tarefa por guardar essas informações e resgatá-las.

Essas habilidades em conjunto são fortemente relacionadas e importantes para desenvolver uma base sólida para o aprendizado posterior e mais complexo. Trabalhar essas habilidades na Educação Infantil proporciona melhores condições de desenvolvimento do aprendizado e da cognição!

E como a Educação Infantil pode estimular essas habilidades tão importantes?

Um ponto importante que discutimos até o momento é a importância da experiência e da estimulação explícita para o desenvolvimento cerebral e cognitivo e, conseqüentemente, para a aprendizagem. A Educação Infantil é uma etapa em que a criança tem como motivação para o aprender a brincadeira e o lúdico. Sim, a ciência não nega a importância do brincar como forma de interação principal neste período. Este é o ponto importante entre a BNCC e a PNA: utilizar a brincadeira e a interação para o aprendizado. A memória e o aprendizado são mais consolidados quando a criança participa da situação e da ação! **Sendo assim, a brincadeira é o modo mais efetivo e concreto de se trabalhar com cada habilidade preditora!**

Por meio do brincar, a criança aprende e se desenvolve. Mas o ponto é usar a brincadeira com propósito pedagógico e de estimulação para desenvolver habilidades cognitivas preditoras. É apresentar os estímulos de maneira explícita e sistemática, sempre pensando em trabalhar aquilo que é simples e depois o que for mais complexo.

Por exemplo, para a habilidade de consciência fonológica, muitas músicas, cantigas e parlendas já usadas no dia a dia da Educação Infantil trazem a habilidade de rima ou aquilo que chamamos de aliteração. Mas o que não acontece é o foco e ensino explícito destas habilidades. Ou seja, é necessário continuar a usar os materiais que já eram usados, mas agora focando no trabalho de maneira explícita. Outros jogos podem ser feitos, como jogos da memória, caça a rimas, dominó e muitos outros.

O importante e essencial é ensinar a criança a prestar atenção nesses sons semelhantes. A escuta com atenção é um ponto inicial que pode ser trabalhado, por exemplo, em brincadeiras como Gato mia e Telefone sem fio. Os jogos de escuta estimulam a atenção, a memória e a capacidade de distinguir sons, facilitando o desenvolvimento de compreensão oral e memória fonológica.

Outras habilidades, como identificar e compreender as palavras em frases, as sílabas nas palavras e contá-las, posteriormente desenvolvendo a consciência fonêmica, são essenciais para esse processo.

O ponto é usar a criatividade, a brincadeira e o lúdico para estimular o cérebro e a cognição de maneira explícita!

O que podemos entender disso tudo?

A Educação Infantil tem um papel crucial para o desenvolvimento da aprendizagem e integral das crianças. É neste período que nosso cérebro, por meio de experiências advindas do ambiente, desenvolve a capacidade grandiosa de aprender por meio de brincadeiras. Para isso, é necessário criar condições básicas de estímulos adequados para o desenvolvimento sólido e progressivo que refletirá ao longo de todos os anos acadêmicos à frente. A ciência pode auxiliar a educação a fazer isso! Para isso, o trabalho com as habilidades preditoras é de extrema relevância.

O que são habilidades preditoras? Habilidades cognitivas básicas e essenciais para formar uma base sólida para o aprendizado mais complexo.

Por que trabalhar essas habilidades? Nosso cérebro aprenderá melhor se trabalharmos do simples para o complexo, da parte para o todo. Com isso, para que o aprendizado se torne mais fácil e efetivo, as habilidades preditoras proporcionam melhores condições de desenvolvimento para as habilidades complexas.

Como estimular essas habilidades? Por meio de brincadeiras e utilizando o lúdico, sempre ensinando a criança como processar e interagir com o ambiente utilizando seus conhecimentos e desenvolvendo habilidades básicas para todo aprendizado futuro.

Bibliografia

ADAMS, M. J.; FOORMAN, B. R.; LUNDBERG, Y.; BEELER, T. *Consciência fonológica em crianças pequenas* [e-book]. Tradução: Roberto Cataldo Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. *Grupo de Trabalho – Alfabetização infantil: Os novos caminhos – Relatório final*. 3ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações; 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *Política Nacional de Alfabetização (PNA)*. Brasília, DF: Ministério da Educação; SEALF, 2019b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

DIAS, N. M, MECCA, T. P. *Contribuições da neuropsicologia e da psicologia para intervenção no contexto educacional*. São Paulo: Memnon, 2015.

MOUSINHO, R, SCHIMID, E. MESQUITA, F, DOS SANTOS, G. *Da linguagem oral à língua escrita: desenvolvimento dos 3 aos 6 anos, para pais e professores*. Instituto ABCD, 2018.

NATIONAL EARLY LITERACY PANEL. *Developing early literacy: report of the national early literacy panel. A scientific synthesis of early literacy development and implications for intervention*. Washington, DC: National Institute for Literacy, 2009.

SARGIANI, R. de A.; MALUF, M. R. *Linguagem, cognição e Educação Infantil: contribuições da psicologia cognitiva e das neurociências*. Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 3, p. 477-484, 2018.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C. *Alfabetização: método fônico*. 5ª ed. São Paulo: Memnon, 2010.

SILVA, P. B. da. *Testes de nomeação automática rápida: evidências de validade para amostra de crianças brasileiras*. Dissertação (Distúrbios do desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

SILVA, P. B.; CARDOSO, A. D.; MAVICHIAN, H. C. O.; CATERINO, A. P.; ENGEL DE ABREU, P.; MACEDO, E. C. A importância da identificação e promoção de habilidades de linguagem na Educação Infantil. In: AMATO, C. A. de la H, BRUNONI, D, BOGGIO, P. S. *Distúrbios do desenvolvimento: estudos interdisciplinares*. São Paulo: Memnon, 2018.





Editora do Brasil

www.editorado brasil.com.br

✉ atendimento@editorado brasil.com.br

📘 facebook.com/editorado brasil

📺 youtube.com/editorado brasil

📷 instagram.com/editorado brasil_oficial

🐦 twitter.com/editorado brasil

🎵 **TikTok** @editorado brasiloficial